

# Pesquisas

## ADOLESCENTES, AIDS E AS CAMPANHAS NA TELEVISÃO

ADOLESCENTS, AIDS AND TELEVISION CAMPAIGNS

ADOLESCENTES, SIDA Y LAS CAMPAÑAS POR TELEVISIÓN

Vânia de Souza\*

Maria Imaculada de Fátima Freitas\*\*

### RESUMO

Buscando possibilidades de novas estratégias de ações preventivas para o controle da aids no meio adolescente, este estudo teve por objetivos: compreender as representações de um grupo de adolescentes sobre as campanhas de prevenção da aids, veiculadas pela televisão e as influências destas em suas vidas, além de discutir, sob a ótica dos sujeitos, a melhor forma de se trabalhar a prevenção à infecção pelo hiv. A metodologia é construtivista, utilizando-se da pesquisa participante (Le Boterf) para o trabalho de campo e também noções da teoria das representações sociais (Abric) para a análise das informações. Os resultados mostraram um significativo poder de influência das campanhas televisivas sobre os sujeitos, apesar de seu efeito limitado ante as possibilidades verificadas. A falta de aproximação com necessidades apresentadas pelos participantes e a forma isolada com que tais campanhas são trabalhadas, foram identificadas como as principais limitações para a necessária mudança de comportamento dos adolescentes com relação à aids.

**PALAVRAS CHAVES:** Síndrome de Imunodeficiência Adquirida - Prevenção e Controle; Promoção da Saúde; Televisão; Adolescência.

**A**IDS (Acquired Immuno Deficiency Syndrome) foi reconhecida em 1981, nos Estados Unidos e em pouco tempo alastrou-se pelo mundo. Trazendo consigo um momento inicial de descaso, as investidas para seu controle foram marcadas por um complexo processo que dura até hoje. Mesmo que se descubra sua cura, o controle da aids permanecerá dependente de ações educativas e, apesar de todos os esforços implementados, ainda enfrentaremos dificuldades que consistem em mudanças de comportamento da população.

Neste sentido, várias campanhas e programas educativos de prevenção da aids vêm sendo utilizados. Alguns, no entanto, são criticados e rejeitados por vários setores da sociedade, pelo fato de virem marcados por ações de cunho religioso, moralista, punitivo e preconceituoso e por não atingirem o efeito desejado.<sup>(1)</sup> Se, de fato, temos campanhas de prevenção desenvolvidas pelos órgãos públicos e Organizações Não-Governamentais (ONG), há pouca discussão sistematizada de

avaliação qualitativa sobre seus resultados e seus significados para o público.

Desde a última década do século XX, tem-se procurado desenvolver campanhas direcionadas a grupos específicos e, dentre elas, o trabalho com adolescentes é apontado como uma boa estratégia, que estabelece uma nova visão preventiva e que deverá modificar, sensivelmente, nos próximos anos, os dados epidemiológicos atuais e da evolução da infecção pelo HIV, tanto quanto das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), reduzindo suas incidências.<sup>(2)</sup>

Considerando que a televisão tem sido o veículo mais utilizado nas campanhas de prevenção da aids, neste estudo buscou-se discutir possibilidades de novas estratégias de ação, a partir dos seguintes objetivos: compreender as representações de um grupo de adolescentes sobre as campanhas de prevenção da aids, veiculadas pela televisão e a influência dessas campanhas em suas vidas, além de discutir sob a ótica dos

\*Enfermeira; Mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Professora da Escola de Enfermagem da UFMG.

\*\*Enfermeira; Doutora em Ciências da Educação pela Université de Bordeaux II, Pós-doutora em Sociologia da Saúde pela Université de Toulouse-le-Mirail, França, Professora da Escola de Enfermagem da UFMG.

Endereço para correspondência:  
Escola de Enfermagem da UFMG  
Av .Alfredo Balena,190 Santa Efigênia  
CEP-30130-100 - Belo Horizonte - MG  
E-mail: peninha@enf.ufmg.br

sujeitos, a melhor forma de se trabalhar a prevenção à infecção pelo HIV.

### **Os caminhos percorridos na investigação**

A abordagem foi fundamentada na Pesquisa Participante (PP), centrada na participação ativa dos sujeitos e, para a análise dos resultados, foram utilizados conceitos da Teoria das Representações Sociais, que permitiram um maior aprofundamento na discussão dos variados aspectos sociais, individuais e psicológicos associados à questão da aids. Neste sentido, Abric<sup>(3)</sup> afirma: a “visão de mundo que os indivíduos ou grupos têm e utilizam para agir e para tomar posição, são indispensáveis para compreender a dinâmica das interações sociais e clarificar os determinantes das práticas sociais”.

O modelo de investigação foi uma adaptação das quatro fases sugeridas por LE Boterf.<sup>(4)</sup> Na primeira fase estabeleceu-se a montagem institucional e metodológica da PP. Na segunda, foi realizado o estudo preliminar da população envolvida, para posterior reformulação do problema (terceira fase), fazendo-se relação com o tema em estudo e os problemas identificados como prioritários para a procura de soluções. Na última fase (realização do plano de ação), deu-se a construção final pelos adolescentes, em grupos de discussão e plenárias, nos quais utilizou-se material publicitário de campanhas educativas do Ministério da Saúde, veiculadas pela televisão nos anos de 1994 a 1999. Os vídeos do Ministério da Saúde (MS) foram escolhidos para subsidiar a pesquisa de campo, considerando-se sua maior regularidade de lançamentos, facilidade de acesso e, principalmente, por estarem ligados ao órgão oficial responsável pelas campanhas de educação para a saúde no Brasil.

Foram selecionados, dentre os vídeos veiculados no referido período, aqueles mais direcionados ao público jovem, em um total de 22. Estes foram classificados em: Informativos, de conteúdo explicativo da aids; de Impacto, que, partindo de um contexto emotivo ou cômico, chamam a atenção do telespectador pela imagem, música ou mensagem; Carnavalescos, que destacam um risco maior de infecção durante esta festa, em razão do número de relações sexuais estimuladas pela dança, uso de bebidas alcóolicas e de outros tipos de drogas; finalmente, os de Mudança de comportamento, direcionados às ações reflexivas, considerando aspectos da postura do indivíduo ante à infecção.

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola pública de Belo Horizonte, com um grupo de 12 estudantes da 7ª série, de ambos os sexos, entre 13 e 15 anos.

A escolha da faixa etária teve como referência o início da adolescência aos 10 anos, segundo a Organização Mundial de Saúde. Procurou-se evitar uma faixa etária próxima à infância tendo-se o cuidado de estendê-la um pouco mais, buscando uma certa variedade de comportamentos em função do nível

de maturidade e das diferenças por gênero. O número máximo de 12 participantes e um mínimo de seis fundamentou-se nos valores apontados para trabalhos em grupo.<sup>(5)</sup> Os demais critérios para participação no estudo foram estabelecidos em função do interesse do aluno e do equilíbrio entre gêneros, incluindo-se a autorização dos pais ou responsáveis e do próprio adolescente, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, preservando-se o anonimato, com troca de nomes por pseudônimos escolhidos por cada um.

Foram realizados nove encontros, de 100 minutos cada, considerando-se a disponibilidade dos horários de aula dos alunos na Escola, cenário do estudo. Todas as reuniões foram filmadas por um “videomaker”, considerando-se que a riqueza da imagem revela detalhes e permite a captação de ângulos, movimentos, expressões faciais e diálogos paralelos de difícil observação, “permitindo revisões que descortinam cada vez mais...”<sup>(6)</sup>, aumentando as possibilidades de análise, construções e reconstruções sobre o objeto. A filmagem foi autorizada pelos participantes e seus responsáveis, cientes do uso para a pesquisa e da possibilidade de organização do material para fins didáticos.

Nos dois primeiros encontros, as atividades foram direcionadas para desvelar as representações dos adolescentes sobre a aids, a partir de suas experiências. O uso de atividades lúdicas de dinâmicas de grupo estimulou o pronunciamento dos sujeitos, que levantaram vários assuntos ligados a aids, tais como: práticas sexuais, drogas, relacionamento com os pais, meios de comunicação de massa que escolheriam para a realização dos programas de prevenção, entre outros. Além disso, nestes encontros, ficou caracterizado que a televisão é o meio de comunicação mais utilizado por eles, com uma média de uso diário de 4,6 horas.

Do terceiro ao sexto encontro houve a introdução dos vídeos, quando cada adolescente respondeu de forma escrita às seguintes perguntas norteadoras: a) Você acha que esta propaganda foi feita com qual intenção?; b) O que acharam da propaganda apresentada? Por quê? c) Consideram que o objetivo foi atingido? Por quê? d) Do que mais gostaram? Por quê? e) Vocês modificariam alguma coisa nesta propaganda? O quê? Os adolescentes também classificaram os vídeos por pontos positivos e negativos, permitindo evidenciar aqueles considerados como os melhores.

Na sétima reunião, os adolescentes dramatizaram uma campanha publicitária para a prevenção da aids que, reunida com imagens de algumas outras atividades realizadas ao longo do estudo, levaram à construção de um vídeoclip para fins didáticos.

As atividades dessa etapa foram encerradas com uma adaptação do jogo.<sup>(7)</sup>

A etapa de ‘devolução’ da análise aos participantes foi realizada em um último encontro, o nono da série, que aconteceu sete meses depois. Neste, houve discussão da análise pre-

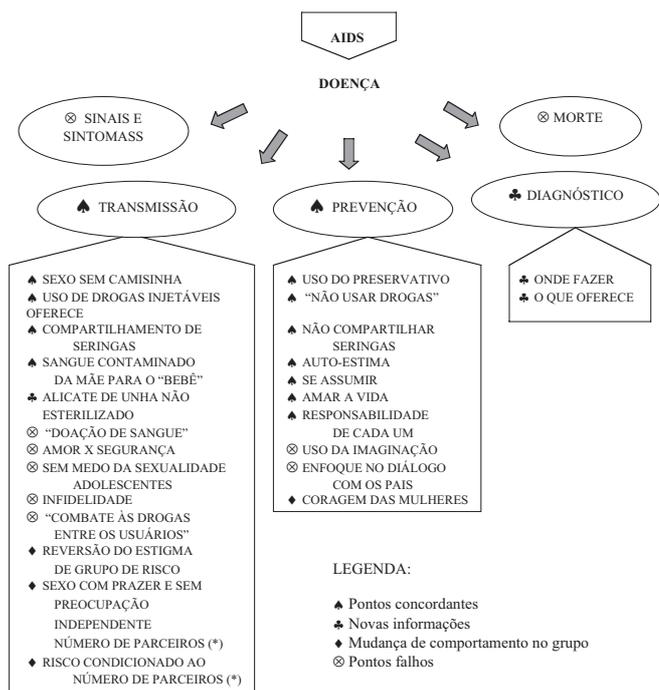
liminar do material coletado, quando os sujeitos foram convidados a discutir os resultados da pesquisa.

A maioria dos trabalhos foi realizada primeiramente de forma individual para posterior coletivização de idéias, o que auxiliou na redução de lideranças sobre o grupo. A separação por gênero foi por vezes utilizada, sem revelar, no entanto, alterações significativas na produção dos sujeitos.

Na análise das informações, foram identificados os temas surgidos nas discussões de forma mais insistente e, também, os que trouxeram um fato novo, polêmico ou de relevância para o grupo, dando significado à representação.<sup>(4)</sup> Em seguida, buscou-se a identificação de relações entre os termos, chegando-se ao conjunto dos componentes da representação, do qual originaram as categorias de análise.<sup>(6)</sup>

### As representações sobre aids – análise dos resultados

A análise dos temas e dos termos apresentados nas discussões iniciais apontou uma categoria central relativa a aids: uma doença. Os termos associados à categoria doença foram: transmissão, sinais e sintomas, morte e prevenção.



NOTA - 1 - O asterisco entre parênteses representa uma contradição evidenciada entre as mensagens trabalhadas em dois vídeos não tendo sido, no entanto, identificadas pelos adolescentes;  
 2 - Os pontos falhos referem-se à falta de abordagem sobre o assunto por apresentarem-se distantes da realidade dos adolescentes, por falta de compreensão dos participantes ou por serem contrários à opinião dos sujeitos.

Figura 1 - Paralelo entre os aspectos representados pelos participantes em relação à Aids e os temas trabalhados nos vídeos - 2001

A partir da introdução dos vídeos, buscou-se, na análise, a conjunção e a disjunção entre as representações dos adolescentes com o material produzido pelo Ministério da Saúde, que resultou no seguinte:

Chama a atenção, na análise, que o tema morte não esteve presente em nenhum vídeo, mas fez parte, insistentemente, das discussões. O item diagnóstico não foi citado anteriormente pelos participantes e, ao ser abordado por aparecer nos vídeos, desvela a falta de informação do grupo sobre o direito ao exame anti-HIV e leva o grupo a mostrar sua incompreensão sobre o risco de infecção pela doação de sangue. A representação ainda estava centrada na idéia de que, ao doar sangue, as pessoas podem contrair o vírus.

No geral, no entanto, os adolescentes mostraram ter algum conhecimento dos mecanismos de transmissão e das medidas de prevenção, mantendo-se como indicação para o núcleo central da representação sobre aids, uma doença que tem sinais e sintomas característicos e que leva à morte. Apesar de que nos vídeos não há explicitamente discussão sobre sinais e sintomas, nem imagens que mostrem pessoas doentes, da forma como imaginavam os adolescentes, estes mantiveram a representação de pessoas acometidas pelo vírus HIV como "magras, raquíticas e com olheira".

Porém, essas imagens não estão relacionadas à vivência desses adolescentes, que, na sua maioria, nunca tiveram pessoas infectadas pelo HIV ou doentes próximas que eles conhecessem ou soubessem da existência. Eles demonstram certa intimidade com o tema aids, mas a "doença" é distante de suas realidades.

Para Boruchovitch<sup>(9)</sup>, os adolescentes apresentam dificuldades para entender como alguém aparentemente assintomático possa ser portador de uma doença fatal, acabando por se confundirem quanto às formas de transmissão. Assim, é mais fácil simbolizar a doença com essa imagem de degradação física, que é uma representação social não só de adolescentes.

Fazendo-se um paralelo entre os aspectos valorizados pelos sujeitos na primeira etapa da pesquisa e aqueles trabalhados nos vídeos, pode-se dizer que, em ambos os casos, o tema aids foi abordado de forma privilegiada para o enfoque das medidas de prevenção e transmissão, com destaque para as práticas de risco. Os outros temas contemplados nos vídeos, apesar de pouco explorados, puderam contribuir com mensagens e informações novas para os sujeitos, ainda que não tenham sido suficientes para sanar muitas dúvidas e eliminar equívocos.

A principal transformação ocorrida no grupo aconteceu ao ser trabalhada, nos vídeos, a questão do risco de contaminação pelo HIV. A vulnerabilidade à infecção anteriormente rela-

cionada apenas às prostitutas, aos homossexuais e viciados em drogas, foi modificada após exibição dos vídeos, sendo assim expressada:

*“Significa que, no caso, a prática de risco é fazer sexo sem camisinha e no caso das drogas é compartilhar. E que não é grupo de risco, igual o pessoal estava discriminando prostituta e homossexual. Não é que eles são grupo de risco, quer dizer, todo mundo tá neste meio.”*

O tema tratado em um dos vídeos sobre a relação entre número de parceiros sexuais e risco de infecção ao HIV serviu, ainda, para evidenciar que esses adolescentes tinham uma representação anterior sobre risco ligada ao fato de que era o número elevado de relações sexuais e a multiplicidade de parceiros que aumentavam a possibilidade de infecção pelo HIV. Com a discussão gerada após a apresentação do vídeo, tal representação é reconstruída, valorizando-se o uso de preservativos. Apesar disso, permanece, no imaginário dos sujeitos, a idéia de que o uso de camisinha é algo desagradável e que, dependendo da ocasião, não estariam certos sobre o seu uso, como presente nesta fala:

*“Sem camisinha? Eu deixaria para a próxima, mas dependendo assim..., né? Se eu não tiver com uma e estiver a fim, eu vou, né?”*

A análise das informações revelou, ainda, que os adolescentes preferem as campanhas veiculadas pela televisão e que, para a maioria, as propagandas utilizadas nas campanhas de prevenção da aids apresentam um efetivo poder de sensibilização, necessitando, no entanto, de uma forma mais “realista” de abordagem. Para eles, os programas televisivos deveriam ser apresentados em forma de “debate”, com depoimentos de portadores do vírus e demonstração dos sinais de acometimento da infecção:

*“Toda propaganda que eles fazem é uma pessoa bonita, com saúde, nunca a propaganda é mostrando a realidade. Eu colocaria mais dramatização. Uma pessoa com muitos sintomas, e que na propaganda aparecesse cenas chocantes: ‘Aids é isto’. As pessoas iriam ter mais medo e se prevenir mais.”*

Ao contrário da necessidade reivindicada pelos adolescentes de se trabalhar com cenas chocantes, vários autores, entre eles Blanco et al.<sup>(10)</sup> consideram que campanhas baseadas no medo podem levar ao efeito contrário, conduzindo, entre outros fatores negativos, a um medo exagerado com consequente rejeição dos fatos, ou uma atitude de resignação diante da impossibilidade de ação.

Mann et al.<sup>(11)</sup>, no entanto, afirmam que é interessante que a provocação cause um certo nível de ansiedade, o que pode levar a uma mudança de comportamento, mas é preciso moderação para não se transformar em algo exagerado e, conseqüentemente, pouco ou nada efetivo. Tal reflexão aproxima-

se mais da idéia dos adolescentes, sem a ‘impertinência’ natural da idade.

Ressalta-se, ainda, a marcante associação dos participantes da pesquisa sobre o que é ‘certo’ e ‘errado’, ‘bom’ e ‘ruim’ nos assuntos referentes à sexualidade. Estes apresentam uma forte idealização da relação amorosa como protetora do risco de infecção pelo HIV, ao afirmarem que os relacionamentos profundos e de longa duração revestidos do sentimento de amor são uma garantia de segurança, com ou sem o uso do preservativo:

*“Só com amor. Quando se faz sexo só pelo prazer físico, na maioria das vezes pode pegar doença.”*

Isto mostra que, mesmo tendo reconstruído a representação sobre os riscos de infecção pelo HIV para todas as pessoas, ainda permanece no centro do imaginário social desses adolescentes, o amor como barreira ao vírus.

### Considerações finais

A presente investigação, com adolescentes de 12 a 15 anos, colegas em uma Escola de ensino médio, mostrou que várias representações sobre a aids, presentes na sociedade brasileira<sup>(2)</sup>, também fazem parte desse grupo. Muitas estão ligadas à falta de informação objetiva e outras ao imaginário social sobre o amor, sobre a morte e sobre as doenças em geral.

Apesar das críticas imputadas, veladas ou explícitas, no meio profissional, jornalístico ou acadêmico, às campanhas televisivas de prevenção a aids, os resultados encontrados na investigação levam ao reconhecimento da influência que estas podem exercer sobre os adolescentes ante a prevenção da infecção. O método da Pesquisa Participante e o uso dos vídeos, com a real possibilidade de discussão mais aprofundada dos temas, foram propiciadores de mais informação, mais reflexão, reconstrução de conceitos e de representações que podem assegurar também uma nova visão desses adolescentes com relação à infecção.

A forma isolada com que tais campanhas vêm sendo utilizadas aparece como um aspecto negativo ao se buscarem resultados eficazes para as mudanças necessárias na prevenção e na controle da aids. O indivíduo que assiste ao vídeo, em casa, pela televisão, está em posição de passividade, ao contrário do trabalho desenvolvido com e pelos adolescentes. A interação do grupo pode ser apontada como a grande responsável pelo crescimento de todos, propiciando a reconstrução de representações periféricas ao conceito de doença e que dão sustentação a um processo de transformação envolvido nas mudanças de caráter central.<sup>(3)</sup>

Assim, considera-se que as campanhas de prevenção poderiam ser mais bem aproveitadas se as pessoas assumis-

sem a responsabilidade de abordá-las, transformando-as em algo mais próximo de sua realidade.

### Summary

*Searching for possibilities of new preventive strategic actions to control AIDS among adolescents, this study aims at understanding social representations of an adolescent's group on preventive AIDS campaigns on television and how these campaigns may influence their lives, as well as discussing the best way to work HIV prevention according to the subjects' viewpoint. The methodological strategy is constructivist, making use of Participative Research (Le Boterf) for fieldwork, and also some notions of the theory of Social Representations for the analysis of information. The results demonstrated that television has a meaningful influence power on those individuals in these campaigns, in spite of its limited effect given the sparse possibilities. This study found that the issues considered important by the intended audience were left out, and the isolated way these campaigns were developed – these were the main limitations for the necessary changes of behavior in adolescents facing AIDS.*

**Key-words:** *Acquired Immunodeficiency syndrome - prevention & control; Health Promotion; Television; Adolescence*

### Resumen

*Este estudio busca nuevas estrategias de acciones preventivas para controlar el Sida en el medio adolescente. Su objetivo es comprender las representaciones de un grupo de adolescentes sobre las campañas de prevención del SIDA transmitidas por televisión y la influencia de dichas campañas sobre sus vidas. También se propuso discutir, desde el punto de vista de los sujetos, la mejor forma de trabajar en la prevención de la infección por el VIH. Se emplea la metodología constructivista con la Encuesta Participante (Le Boterf) para el trabajo de campo y nociones de la Teoría de las Representaciones Sociales (Abric) para analizar las informaciones. Los resultados indican un significativo poder de influencia de las campañas de televisión sobre los sujetos no obstante su efecto limitado ante las posibilidades analizadas. Las principales limitaciones identificadas que traban el cambio necesario en el comportamiento de los adolescentes ante el Sida son la falta de aproximación con las necesidades indicadas por los participantes y la forma aislada cómo se manejan estas campañas.*

**Unitermos:** *Síndrome de Inmunodeficiencia Adquirida - prevención & control; Promoción de la Salud; Televisión; Adolescence.*

### Referências bibliográficas

1. Simões AM. A representação social da AIDS construída a partir das informações nos jornais diários: análise da cobertura sobre AIDS no jornal "Estado de Minas" (Dissertação Mestrado) Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais; 1997:195
2. Parker R. A construção da solidariedade; AIDS: sexualidade e política no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; 1994:141. (História social da AIDS, n.3).
3. Abric J-C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: Moreira ASP, Oliveira DC. Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia: AB Editora; 1998: 27-38.
4. Le Boterf G. Pesquisa participante: proposta e reflexões metodológicas. In: Brandão CR. Repensando a pesquisa participante. 3a ed. São Paulo: Brasiliense; 1987:51-81.
5. Amado G, Guittet A. A dinâmica da comunicação nos grupos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1982:38.
6. Feldman-Bianco B, Leite MLM, Org. Desafios da imagem; fotografia, econografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus; 1998: 319.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ. Zig-Zaids. Rio de Janeiro: Salamandra Consultoria Editorial; [s.d.]. (Jogo, "Informe-se brincando").
8. Abric J-C. Methodologie de recueil des représentations sociales. In: Abric J-C, Dir. Pratiques sociales et représentations. 2a ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1997: 59-82.
9. Boruchovitch E. Fatores associados a não-utilização de anticoncepcionais na adolescência. Rev Saúde Pública 1992 dez.; 26 (6):437-43.
10. Blanco JA et al. La infección VIH/SIDA en la prensa española desde 1986 hasta 1992. In: Nájera Morrondo R, González Lahoz J, Editor. Avancés em SIDA 1995; editoriales y revisiones de la publicación oficial. interdisciplinaria del SIDA. Madrid: IDEPSA; 1996: 82-6. (Publicación Oficial de la Sociedad Española).
11. Mann J, Tarantola JM, Netter TW, Org. A AIDS no mundo. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 1993:280.